

SÉRIE · POR QUE AS PESSOAS MIGRAM

TERRE MOTO.

Uma reportagem longa sobre as falhas tectônicas que redesenham a demografia — da fronteira Turquia-Síria a Port-au-Prince, e de Léogâne à costa da Venezuela.

No04

Série 01 / Reportagem

POR QUE AS PESSOAS MIGRAM: TERREMOTO.

A terra treme e o mundo pára. Durante breves segundos, o chão que sustenta a civilização torna-se fluido, as paredes que oferecem abrigo transformam-se em armas e o mapa de uma vida inteira é reescrito. Quando a poeira assenta, o que sobra não é apenas o luto pelas vidas perdidas, mas a inevitabilidade da partida para aqueles que sobreviveram.

NESTA EDIÇÃO

I Turquia & Síria, 2023	p. 05
II Haiti, 2010	p. 10
III Venezuela, 2026	p. 15
IV O Custo Invisível	p. 19
V Conhecer antes de julgar	p. 20

AS MIGRAÇÕES FORÇADAS POR DESASTRES NATURAIS COMEÇAM MESES — ÀS VEZES ANOS — DEPOIS DO ÚLTIMO ABALO.

As migrações forçadas por desastres naturais são frequentemente vistas como tragédias de curto prazo. A narrativa global foca-se nos resgates dramáticos, nos cães farejadores e nas tendas de emergência. As câmaras de televisão captam os primeiros dias de caos, a solidariedade internacional imediata e as promessas políticas de reconstrução. Mas a verdadeira crise — aquela que altera a demografia de continentes inteiros — começa meses, às vezes anos, depois do último abalo. Quando os hospitais continuam em ruínas, quando a economia local colapsa e o Estado falha na reconstrução, a sobrevivência exige mais do que procurar abrigo: exige atravessar fronteiras.

De acordo com o Centro de Monitorização de Deslocamento Interno (IDMC), em 2023, os desastres naturais foram responsáveis por 56% de todos os novos deslocamentos internos a nível global.^[1] Não se trata de uma escolha, mas de uma expulsão silenciosa e violenta ditada pela geografia e agravada pela falta de infraestrutura e planeamento urbano. Em países onde a economia já é frágil, um sismo de grande magnitude não apenas destrói edifícios; destrói o futuro.

“Por que essas pessoas não ficam na sua própria terra?” A pergunta, frequentemente feita em países de acolhimento com uma mistura de fadiga e ressentimento, ignora uma premissa básica da natureza humana: ninguém abandona a sua casa a menos que a sua casa deixe de existir. Ninguém coloca os filhos numa rota perigosa a menos que a terra onde nasceram se tenha tornado um cemitério a céu aberto, incapaz de sustentar a vida.

Esta reportagem mergulha nas falhas tectónicas que dividem o mundo e nas vidas daqueles que caíram nessas fendas. Exploramos três momentos críticos na história recente onde a geologia forçou a demografia a reescrever-se: o terremoto de 2023 na fronteira Turquia-Síria, a tragédia de 2010 no Haiti e a recente catástrofe de 2026 na Venezuela. Através dos dados estruturais e das histórias humanas, procuramos entender por que razão a sobrevivência é, frequentemente, apenas o princípio de uma longa jornada.

56%

De todos os novos deslocamentos internos a nível global em 2023 foram causados por desastres naturais. Fonte: IDMC

1.75M

Refugiados sírios a viver nas províncias turcas atingidas pelos sismos de 2023 — uma segunda expulsão. Fonte: ACNUR

7.6M

Venezuelanos já a viver fora do país antes dos sismos de 2026 atingirem a costa caribenha. Fonte: USA for UNHCR



O PESO DOS ESCOMBROS.

Turquia & Síria, 2023 — Um sismo de magnitude 7,8, seguido horas depois por outro quase igualmente devastador de 7,5, liberta força equivalente a dezenas de bombas atômicas. Para 1,75 milhões de refugiados sírios já deslocados pela guerra, o chão cede uma segunda vez.

EPICENTRO

Sul da Turquia / noroeste da Síria. Edifícios residenciais, hospitais, escolas e infraestruturas históricas colapsaram como castelos de cartas numa questão de segundos.

CUSTO DA RECONSTRUÇÃO

Estimado em mais de **US\$ 84 mil milhões** — uma percentagem significativa do PIB combinado da região, antes de se contabilizar a destruição das economias informais.

UMA SEGUNDA EXPULSÃO

A 6 de Fevereiro de 2023, às 4:17 da manhã, o sul da Turquia e o noroeste da Síria foram atingidos por um sismo de magnitude 7,8, seguido horas depois por um tremor quase igualmente devastador de 7,5. Edifícios residenciais, hospitais, escolas e infraestruturas históricas colapsaram como castelos de cartas.

Para a população síria refugiada na Turquia, o desastre foi uma segunda expulsão. A região afetada abrigava cerca de 1,75 milhões de refugiados sírios que já tinham fugido de mais de uma década de guerra civil implacável.^[2] Estas pessoas tinham atravessado fronteiras, reconstruído as suas vidas a partir do zero, aprendido uma nova língua e integrado-se numa nova economia, apenas para verem tudo ser reduzido a pó numa questão de segundos.

Ahmad, um refugiado sírio de 47 anos, viveu esta dupla tragédia na província de Hatay, uma das mais duramente atingidas. Naquela madrugada de inverno, o frio cortante misturou-se com o terror absoluto. Ahmad ficou preso debaixo dos escombros da sua própria casa durante duas horas com os seus cinco filhos. O espaço exíguo, a escuridão total e o cheiro a pó de cimento criaram um cenário de pesadelo que nenhum ser humano deveria ter de suportar uma vez, quanto mais duas vezes numa vida. Sobreviveram, mas a sua mulher não.

A história de Ahmad não é um caso isolado de azar geográfico; é o retrato de uma vulnerabilidade estrutural profunda. Os refugiados vivem frequentemente em habitações precárias, em bairros mais antigos ou mal construídos, onde as rendas são mais baixas mas o risco sísmico é exponencialmente maior. Quando a terra treme, são estas as primeiras estruturas a ceder.

“EU NÃO SABIA COMO IA CRIAR OS MEUS FILHOS SOZINHO, SEM ELA AO MEU LADO. ELES ESPERAM QUE EU SEJA FORTE. SE EU TIVER MEDO, ELES TERÃO AINDA MAIS MEDO.”

AHMAD, 47 — PROVÍNCIA DE HATAY, REFUGIADO SÍRIO • DOCTORS OF THE WORLD^[3]

Para Assalah Shikhani, uma professora síria de 35 anos, o terremoto destruiu o refúgio que demorou doze anos a construir na cidade turca de Antakya. Tendo fugido da violência na Síria com a esperança de oferecer um futuro seguro às suas duas filhas, Assalah encontrou-se novamente na estaca zero. Deslocada pela guerra e, de novo, pelo sismo, a sua conclusão — partilhada numa entrevista devastadora — resume a condição do migrante climático e do refugiado de desastres.^[4]

A perda do sentimento de pertença é uma das consequências mais invisíveis e duradouras das migrações forçadas. Quando o lugar que nos acolheu nos rejeita com violência geológica, a alienação torna-se absoluta.

■ NA ÍNTEGRA • ANTAKYA, TURQUIA • 2023

“NADA ME PERTENCE. E EU NÃO PERTENÇO AQUI.”

ASSALAH SHIKHANI — 35, PROFESSORA SÍRIA
DESLOCADA DUAS VEZES: PELA GUERRA, DEPOIS PELA
GEOLOGIA

NPR • 09 Fev 2023
[4]

O COLAPSO SILENCIOSO

QUANDO A SAÚDE E A ECONOMIA DESABAM, A EMERGÊNCIA AGUDA TORNA-SE UMA CRISE CRÔNICA.

A verdadeira dimensão de um terremoto não se mede apenas em edifícios caídos, mas na destruição sistemática das redes de suporte à vida. Na Turquia e na Síria, o impacto económico e na saúde pública transformou uma emergência aguda numa crise crónica, tornando a permanência impossível para centenas de milhares de pessoas.

A destruição da infraestrutura de saúde foi catastrófica. Hospitais que deveriam ser os portos seguros tornaram-se armadilhas mortais. Apenas na Turquia, dezenas de instalações médicas sofreram danos estruturais graves, forçando a evacuação de pacientes e a interrupção de tratamentos vitais.^[5] Doenças crónicas deixaram de ser tratadas; medicamentos essenciais desapareceram das prateleiras. Para uma população refugiada que já enfrentava barreiras no acesso a cuidados de saúde, o colapso do sistema significou uma sentença de morte silenciosa.

Economicamente, o cenário foi igualmente devastador. O custo estimado da reconstrução na Turquia e na Síria ultrapassou os 84 mil milhões de dólares, representando uma percentagem significativa do Produto Interno Bruto (PIB) da região.^[6] Fábricas foram destruídas, cadeias de abastecimento interrompidas e pequenos negócios — muitas vezes a única fonte de rendimento para famílias refugiadas — foram literalmente apagados do mapa.

Um ano após os sismos, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) alertou que as necessidades humanitárias continuavam a aumentar. Milhares permaneciam sem abrigo adequado, vivendo em contentores ou tendas improvisadas.^[7] Oitenta por cento dos refugiados na região já viviam abaixo do limiar da pobreza antes do sismo; após a catástrofe, a perda de empregos informais e a destruição do tecido económico local tornaram a sobrevivência diária num exercício de resiliência extrema.

A reconstrução é lenta e, frequentemente, excludente. Os cidadãos nacionais têm, naturalmente, prioridade no acesso a novos alojamentos e apoios estatais. Os refugiados sírios, por outro lado, encontraram-se frequentemente excluídos dos planos de reconstrução, deixados num limbo burocrático e existencial.^[8] Metade dos 3,5 milhões de refugiados sírios na Turquia vive numa região com edifícios, hospitais e estradas destruídos.

É neste contexto de desespero prolongado que a ideia de uma nova migração ganha força. Se a Turquia já não oferece segurança, saúde ou sustento, e a Síria continua a ser um campo de batalha, qual é a alternativa? Para muitos, a resposta é a perigosa travessia do Mediterrâneo em direcção à Europa, ou rotas terrestres igualmente arriscadas através dos Balcãs. O terremoto não apenas destruiu casas; reactivou rotas migratórias que o mundo pensava estarem controladas.

■ CAPÍTULO II • 12 JAN 2010 • LÉOGÂNE

A FRATURA PROLONGADA.

Hôpital Général de Port-au-Prince — a placa da entrada de emergência ainda pende sobre os escombros anos depois do sismo de magnitude 7,0 ter destruído cerca de 60% do sistema de saúde do Haiti num único dia.

AI IMAGE



A FRATURA PROLONGADA

A LONGA SOMBRA — DE DÉCADAS — QUE UM TERREMOTO PROJECTA SOBRE A MIGRAÇÃO GLOBAL.

Se a Turquia e a Síria ilustram o impacto imediato e a intersecção entre guerra e desastre natural, o Haiti demonstra como um único abalo redesenha o mapa migratório de um hemisfério inteiro por gerações.

A 12 de Janeiro de 2010, um sismo de magnitude 7,0 atingiu o Haiti com o seu epicentro perto de Léogâne, a meros 25 quilómetros da capital, Port-au-Prince. O impacto foi apocalíptico. Num país com infraestruturas cronicamente deficientes e um histórico de instabilidade política, o sismo matou centenas de milhares de pessoas — as estimativas variam entre 100.000 e 316.000 — e deslocou internamente cerca de 1,5 milhões de haitianos, deixando-os a viver em campos de tendas improvisados.^[9]

Wisnel Occilus, na altura um estudante universitário de 24 anos com sonhos de um futuro melhor, estava numa aula de inglês quando o edifício de vários andares desabou sobre ele e os seus colegas. Sobreviveu, mas a experiência marcou-o para sempre. *“O professor está morto. Alguns dos alunos estão mortos,”* disse ele aos jornalistas nos dias frenéticos e sangrentos que se seguiram à tragédia. *“Tudo dói.”*^[10]

A dor física de Wisnel transformou-se, para a nação haitiana, numa dor crónica de deslocamento e abandono. Nos anos que se seguiram, a prometida reconstrução internacional falhou redondamente. Biliões de dólares em ajuda foram prometidos, mas uma fracção mínima chegou às mãos das comunidades locais ou resultou em infraestruturas permanentes. A instabilidade política agravou-se, a violência de gangues aumentou e uma epidemia de cólera — inadvertidamente introduzida por forças de manutenção da paz da ONU — ceifou milhares de vidas adicionais.

O impacto económico foi devastador. Os danos e perdas foram estimados em 7,8 mil milhões de dólares, representando uns impressionantes **120% do PIB do Haiti em 2009.**^[11] Cerca de 60% do sistema de saúde do país foi destruído num único dia. Sem hospitais, sem escolas, sem economia funcional, o Haiti tornou-se inabitável para uma grande parte da sua população jovem e activa.



Uma sala de aula abandonada em Port-au-Prince, com o pó a assentar sobre cadernos de inglês abertos. A data no quadro-negro — *Segunda-feira, 11 de Janeiro de 2010* — é o dia antes de o Haiti parar.

A I I M A G E

A LONGA CAMINHADA — DO BRASIL AO DARIÉN

A incapacidade de reconstrução forçou uma diáspora massiva que reconfigurou o mapa migratório das Américas. Milhares de haitianos migraram inicialmente para o Brasil e o Chile — países sul-americanos a viverem expansão económica na década de 2010 e com políticas de imigração relativamente abertas, que ofereceram vistos humanitários e oportunidades de trabalho na construção civil e noutros sectores.

No entanto, a geografia da esperança é volátil. Quando as economias do Brasil e do Chile começaram a estagnar e o clima político se tornou menos acolhedor para os imigrantes, a diáspora haitiana foi forçada a mover-se novamente. A partir de meados da década de 2010 e intensificando-se nos anos 2020, assistimos a uma migração secundária épica e trágica: dezenas de milhares de haitianos iniciaram jornadas perigosas através do continente americano em direcção ao norte, com o objectivo de chegar aos Estados Unidos ou ao Canadá.^[12]

Esta rota inclui a travessia do letal Estreito de Darién, uma selva impenetrável e sem lei entre a Colômbia e o Panamá. Famílias inteiras — incluindo crianças nascidas no Brasil ou no Chile que falam português ou espanhol, mas não crioulo haitiano — enfrentam cartéis de drogas, rios traiçoeiros, doenças tropicais e exaustão extrema. Em 2021, dos 64.000 migrantes que cruzaram o Darién, a grande maioria era haitiana.^[13]

A jornada não termina quando a selva acaba. Desde o Panamá, os migrantes ainda têm de atravessar a Costa Rica, Nicarágua, Honduras, Guatemala e o México, enfrentando extorsão, abusos e a constante ameaça de deportação. A saúde mental deteriora-se a cada fronteira cruzada. A ansiedade, a depressão e o stress pós-traumático tornam-se companheiros de viagem inseparáveis.

■ A TRAVESSIA DO DARIÉN • COLÔMBIA
— PANAMÁ

A pulseira é de plástico, barata e administrativa. Lê-se **REFUGEE** — uma classificação burocrática distribuída em pontos de recepção ao longo do corredor migratório. É usada sobre pele coberta de lama, acima de mãos que carregaram crianças, comida e documentos por 100 quilômetros de selva onde nenhum Estado tem jurisdição.

“A JORNADA FOI MUITO DURA PORQUE É UMA LONGA CAMINHADA. HÁ MUITOS MORTOS — PESSOAS QUE NÃO CONSEQUIRAM CHEGAR ATÉ AQUI.”

RAYMOND, 29 — MIGRANTE HAITIANO, AO EMERGIR DO DARIÉN^[13]

O terremoto de 2010 não foi, portanto, apenas um evento sísmico isolado no tempo; foi o catalisador de uma das maiores, mais complexas e mais mortais rotas migratórias do hemisfério ocidental na última década. Mostra-nos, com clareza brutal, que o impacto de um desastre natural não se mede em dias ou meses, mas em gerações. O deslocamento torna-se uma condição herdada, e a viagem em busca de segurança transforma-se num modo de vida forçado.



Uma pulseira de plástico *REFUGEE* num braço coberto de lama na trilha do Estreito de Darién — o marcador administrativo de uma jornada que começa com um terremoto e termina, se termina, milhares de quilômetros a norte.

AI IMAGE



A NOVA EMERGÊNCIA.

Dois sismos consecutivos — 7,2 e 7,5 na escala de Richter — atingem um país onde mais de 7,6 milhões de pessoas já tinham partido. A catástrofe actua como catalisador implacável de uma migração que nunca terminou.



Uma reunião comunal ao longo do corredor migratório venezuelano — uma placa pintada à mão diz *AQUI HAY COMIDA · BAÑO · BENDICIONES PARA TODOS*. O deslocamento no rescaldo dos sismos de 2026 funde-se com uma diáspora que já ultrapassa os sete milhões.

AI IMAGE

UM MULTIPLICADOR DE AMEAÇAS

A geografia da tragédia não escolhe continentes e raramente poupa aqueles que já estão de joelhos. A 24 de Junho de 2026, dois sismos consecutivos e devastadores de magnitude 7,2 e 7,5 atingiram a Venezuela, com epicentros perto de Morón, na costa caribenha, a cerca de 160 quilómetros a oeste da capital, Caracas.^[14]

Num país que já enfrentava uma das maiores e mais prolongadas crises de deslocamento do mundo — com mais de 7,6 milhões de venezuelanos já a viver fora do país devido ao colapso económico, hiperinflação, escassez crónica de alimentos e medicamentos, e repressão política^[15] — a catástrofe natural actuou como um acelerador implacável da miséria.

As autoridades locais e organizações humanitárias internacionais reportaram rapidamente um cenário de devastação generalizada. Edifícios residenciais em Caracas e nas regiões costeiras desmoronaram, hospitais já sub-equipados sofreram danos estruturais severos e a rede de abastecimento de água e electricidade colapsou quase por completo. Nos primeiros dias após os sismos, o número de vítimas mortais ultrapassou as 1.700 pessoas, com mais de 2.150 feridos e milhares de desaparecidos sob os escombros.

O colapso da infraestrutura básica criou as condições perfeitas para uma crise de saúde pública secundária. Agências da ONU expressaram profunda preocupação com as milhares de pessoas deslocadas a dormir ao relento ou em abrigos superlotados, sem acesso a água potável ou saneamento.^[16]

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) mobilizou-se rapidamente, mas a escala do desafio é assustadora. A OIM estimou que até 6,76 milhões de pessoas poderiam ser afectadas directa ou indirectamente pelos sismos. O seu aviso foi imediato: *“Já é evidente que o deslocamento aumentará à medida que as pessoas procuram segurança.”*^[17]

“RECEBI UM ALERTA APENAS ALGUNS SEGUNDOS ANTES DE TUDO COMEÇAR A TREMER, E ABRIGÁMO-NOS DEBAIXO DE UMA COLUNA. O NOSSO EDIFÍCIO SOFREU DANOS ESTRUTURAIS GRAVES; NÃO PODEMOS VOLTAR.”

MARIA ANDREÍNA PERNALETE — RESIDENTE EM CARACAS, COM UM BEBÉ DE DOIS ANOS^[14]

■ CAPÍTULO III • CONTINUAÇÃO

Para as famílias venezuelanas que já lutavam diariamente contra a escassez de alimentos e a ausência de um Estado funcional, a perda do teto físico foi o último e definitivo golpe. A migração, nestes casos extremos, deixa de ser uma procura calculada por melhores oportunidades ou liberdade política; torna-se uma fuga literal da morte por exposição aos elementos, fome ou falta de cuidados médicos básicos.

A crise sísmica de 2026 ameaça desencadear uma nova onda migratória para a Colômbia, Brasil e América Central. Os países vizinhos — cujos sistemas de asilo já estão no limite — enfrentam agora a perspectiva de receber centenas de milhares de novos refugiados. Isto sublinha uma verdade desconfortável: **os desastres naturais actuam como multiplicadores de ameaças**. A linha ténue que separa a pobreza suportável da destituição absoluta é apagada num tremor de trinta segundos.

■ CAPÍTULO IV • SAÚDE MENTAL & O TRAUMA DO DESLOCAMENTO

O CUSTO INVISÍVEL.

Além das perdas económicas e estruturais visíveis, a migração forçada acarreta um custo humano profundo e muitas vezes invisível.

O trauma de sobreviver a um terremoto é frequentemente agravado pelo stress contínuo do deslocamento, da perda de meios de subsistência e da incerteza sobre o futuro. Estudos indicam taxas alarmantemente elevadas de perturbação de stress pós-traumático (PTSD), depressão severa e ansiedade generalizada.^[18]

Quando a terra treme, não destrói apenas edifícios; esilhaça o sentido fundamental de segurança e previsibilidade que os seres humanos necessitam para funcionar. Para as crianças, o impacto é particularmente devastador. A UNICEF tem alertado para os efeitos a longo prazo do trauma em crianças deslocadas por desastres.^[19]

Nos campos de deslocados na Turquia, na Síria e agora na Venezuela, os trabalhadores humanitários relatam que as crianças reagem com pânico extremo a qualquer ruído ou vibração, revivendo o trauma original. Sem apoio psicossocial adequado, a educação é interrompida e uma geração inteira arrisca ficar marcada pelo medo.

A resposta humanitária global luta para fornecer apoio de saúde mental sustentado. No entanto, curar as feridas psicológicas é tão crítico para a recuperação como reconstruir hospitais e estradas. **A resiliência humana é notável, mas não é infinita.**

1.5M

Haitianos deslocados internamente pelo sismo de 2010 — muitos ainda em abrigos temporários uma década depois.

6.76M

Pessoas que a OIM estima que poderiam ser afectadas pelos sismos de 2026 na Venezuela.

120%

Do PIB do Haiti em 2009 em danos causados por um único sismo de magnitude 7,0.

CONHECER ANTES DE JULGAR.

As estatísticas são claras e inegáveis: os desastres naturais deslocam dezenas de milhões de pessoas todos os anos, superando frequentemente os deslocamentos causados por conflitos armados. Mas os números, por mais impressionantes e assustadores que sejam, falham fundamentalmente em capturar a essência da perda humana. O cérebro humano não está programado para processar a dor em escala industrial. Quando ouvimos “seis milhões de deslocados”, ouvimos um dado demográfico; não ouvimos o choro de uma criança na escuridão.

É por isso que cada número tem de ter um rosto. Cada estatística é um Ahmad a tentar ser forte para os filhos enquanto o seu próprio mundo desaba. É uma Assalah a sentir que não pertence a lado nenhum depois de perder tudo duas vezes. É um Wisnel a chorar o professor perdido e a iniciar uma jornada de uma década em busca de um lugar seguro para existir. É uma mãe em Caracas a abraçar o seu bebé debaixo de uma coluna de betão a rachar.

A migração impulsionada por terremotos e outros desastres climáticos expõe a extrema fragilidade da nossa existência partilhada neste planeta. O chão que treme violentamente em Caracas, em Antakya, em Port-au-Prince ou em Katmandu poderia tremer em qualquer lado, a qualquer momento. As falhas tectónicas não respeitam fronteiras nacionais, afiliações políticas ou níveis de rendimento. A diferença entre quem fica a reconstruir a sua vida com o apoio de um Estado funcional e quem é forçado a partir com a roupa do corpo raramente é uma questão de vontade, coragem ou carácter; é, quase sempre, uma questão de viabilidade e lotaria geográfica.

Quando os sobreviventes destas tragédias chegam a novas fronteiras, exaustos e traumatizados, carregam consigo não apenas a poeira dos escombros, mas o peso psicológico da perda total. Perderam não apenas as suas casas e entes queridos, mas as suas comunidades, os seus meios de subsistência, os seus documentos de identidade e o seu sentido de futuro.

O julgamento apressado, a retórica de exclusão e as políticas de fronteiras fechadas apenas adicionam uma nova e cruel camada de violência a vidas que já foram fracturadas pela natureza. A hostilidade com que muitos migrantes são recebidos ignora a realidade fundamental de que ninguém escolhe ser um refugiado climático ou sísmico. A decisão de caminhar semanas através da selva do Darién, ou de arriscar a vida num barco no Mediterrâneo, não é tomada de ânimo leve. É o último recurso de quem viu o seu mundo ser literalmente engolido pela terra.

Cada história merece ser compreendida antes de ser julgada. A sobrevivência ao evento inicial é, frequentemente, apenas o princípio de uma longa e dolorosa jornada de luto e reconstrução. Acolher quem perdeu tudo para a força cega da natureza não é apenas um imperativo humanitário ditado pela decência básica; é o reconhecimento profundo da nossa própria vulnerabilidade perante um planeta que não controlamos. **A empatia, neste contexto, não é caridade; é solidariedade entre sobreviventes num mundo imprevisível.**

■ EPÍLOGO • A LINHA DE PARTIDA

NINGUÉM ABANDONA A SUA CASA A MENOS QUE A CASA DEIXE DE EXISTIR.

Uma família espera num trecho de litoral caribenho nos dias após os sismos de 2026 — a linha de partida, onde a decisão de migrar já não é uma decisão, mas um facto físico.

AI IMAGE



FICHA TÉCNICA

O KIN Institute trabalha para fornecer rotas seguras, informação verificada e redes de apoio para migrantes em todo o mundo. Se precisas de ajuda ou queres informar-te sobre rotas e direitos, visita **kin.institute**.

Série
Por que as Pessoas Migram

Reportagem
Nº 04 — Terremoto

Edição
Versão em Português · 2026

Editor
KIN Publishing

Tipografia
Bebas Neue — display
Helvetica Neue — texto
JetBrains Mono — etiquetas

Fotografia
Todas as imagens marcadas **AI**
IMAGE são ilustrações geradas por IA de eventos documentados.

REFERÊNCIAS

[1] Migration Data Portal. *Climate change and human mobility*. 2024.

[2] UNHCR. *A year after the Türkiye–Syria earthquakes, UNHCR warns of rising humanitarian needs*. 6 Feb 2024.

[3] Doctors of the World. *Testimonial: Earthquake survivor Ahmed shares his experience*. 2023.

[4] NPR. *An update from a Syrian teacher who lost her home and loved ones in the earthquakes*. 9 Feb 2023.

[5] ScienceDirect. *Rapid report of seismic damage to hospitals in the 2023 Turkey earthquakes*. 2023.

[6] Internet Geography. *2023 Turkey–Syria Earthquake Case Study*.

[7] UNHCR. *A year after the Türkiye–Syria earthquakes, UNHCR warns of rising humanitarian needs*. 6 Feb 2024.

[8] Brookings Institution. *After the earthquake: Refugees should be included in Turkey's reconstruction*. 16 Feb 2023.

[9] Internal Displacement Monitoring Centre (IDMC). *Behind the numbers: the shadow of the 2010 earthquake still looms large in Haiti*.

[10] The Guardian. *Haiti earthquake: survivors' stories*. 14 Jan 2010.

[11] World Bank. *Rebuilding Haitian Infrastructure and Institutions*. 3 May 2019.

[12] Migration Policy Institute. *Addressing the Next Displacement Crisis in the Americas*. 1 Oct 2023.

[13] Al Jazeera. *“It’s a long walk”: Haitian migrants’ traumatic journey to Panama*. 26 Aug 2021.

[14] World Vision. *2026 Venezuela earthquakes: Fast facts, FAQs, and how to help*. 29 Jun 2026.

[15] USA for UNHCR. *Venezuela Crisis: Aid, Statistics, and News*.

[16] PBS NewsHour. *Aid workers warn of infectious diseases, overwhelmed hospitals after Venezuela earthquakes*. Jun 2026.

[17] International Organization for Migration (IOM). *Up to 6.76 Million People Could Be Affected by Venezuela Earthquakes, according to IOM*. 27 Jun 2026.

[18] National Institutes of Health (NIH). *The Mental Health of Refugees and Forcibly Displaced People*. 2024.

[19] UNICEF. *After the Darién Gap: Finding a Space to Heal*. 13 Jul 2023.